



DIPLOMACIA

Aliança com europeus, nos termos de Trump

Em encontro sobre segurança, secretário de Estado norte-americano adota tom conciliatório, ressaltando que Washington quer "revigorar" a relação com o continente. Declaração ocorre um mês após ameaça de anexação da Groenlândia

Alex Brandon/AFP



Em Munique, Marco Rubio afirma que Washington deseja união, mas que não depende de apoio para colocar em prática sua “visão de futuro”

» Paralisação orçamentária

O Departamento de Segurança Interna dos EUA (DHS, na sigla em inglês) entrou em paralisação orçamentária devido a divergências entre democratas e republicanos sobre as ações do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE, na sigla em inglês), após dois incidentes fatais em Minneapolis. Nos próximos dias, milhares de funcionários serão colocados em licença não remunerada, enquanto outros milhares, cujas funções são consideradas essenciais, serão obrigados a continuar trabalhando. Em ambos os casos, seus salários não serão pagos até que o Congresso aprove um orçamento para o DHS. Os democratas se opõem a qualquer novo financiamento para o departamento, até que mudanças profundas sejam feitas nas operações do ICE.

o programa nuclear iraniano, alvo de ataques de Israel e dos Estados Unidos em junho de 2025.

Ele também afirmou que a instituição liderada por Antônio Guterres nada fez diante da “ameaça à nossa segurança” representada, segundo ele, pelo “ditador narcoterrorista” venezuelano Nicolás Maduro. Em 3 de janeiro, sob acusação de tráfico de drogas, Maduro foi sequestrado em Caracas e levado para uma prisão em Nova York, onde será julgado.

O discurso de Rubio representou uma mudança em relação ao

proferido um ano antes, no mesmo fórum, pelo vice-presidente JD Vance, que acusou os líderes europeus de colocarem em risco a segurança do continente com suas políticas de imigração e medidas regulatórias contra discursos extremistas e de ódio em plataformas americanas e redes sociais. “Fiquei muito tranquila com o discurso do secretário de Estado”, disse a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.

“A Europa não tem feito o suficiente há muitos anos”, acrescentou

Reza Pahlavi pede intervenção no Irã



Michaela Staehle/AFP

Enquanto líderes europeus se reuniam na Conferência de Segurança, em Munique, nas ruas, cerca de 250 mil pessoas protestaram contra o regime iraniano. Os manifestantes foram apoiados pelo filho do último xá iraniano, Reza Pahlavi. “É hora de pôr fim à República Islâmica. É a reivindicação que ressoa desde o massacre dos meus compatriotas”, disse o príncipe, de 65 anos, aclamado pela multidão, ao lado da mulher, Yasmine (foto). O político, que vive exilado em Nova York, disse estar pronto para conduzir uma transição em seu país e afirmou que pediu, na conferência, que os Estados Unidos intervissem no Irã. “Quando um governo mata seu povo na rua, não é digno de confiança”, declarou Razieh Shahverdi, uma iraniana de 34 anos, que viajou de Paris para se juntar à manifestação.

ONU

Enquanto Washington cria seu Conselho da Paz, impulsionado por Trump, que convidou dezenas de países e reivindicou poderes de resoluções de conflitos, Rubio alfinetou a Organização das Nações Unidas (ONU). Na maioria das questões mais urgentes, ela não tem respostas”, disse o chefe da diplomacia, ressaltando que a ONU não foi capaz de deter os conflitos em Gaza e na Ucrânia, nem

ENVENENAMENTO

Rússia matou Navalny, dizem países

Passados dois anos da morte do opositor russo Alexei Navalny numa prisão do Ártico, Reino Unido, França, Alemanha, Suécia e os Países Baixos acusaram, ontem, Moscou de assassiná-lo. “Sabemos que o Estado russo utilizou toxina letal para atacar Navalny por medo de sua oposição”, declarou o Ministério das Relações Exteriores britânico em comunicado conjunto à margem da Conferência de Segurança de Munique. O Kremlin negou, mais uma vez, ter matado o ativista.

Na denúncia, os cinco países europeus se baseiam em uma “análise de amostras” do corpo de Navalny. Segundo eles, o crítico ferrenho do líder russo Vladimir Putin foi envenenado com uma “toxina rara” encontrada em rãs-dardo do Equador. A epiatidina contida na pele desses anfíbios foi detectada no cadáver.

Ativista anticorrupção e opositor da invasão russa da Ucrânia,

prestes a completar quatro anos, morreu aos 47 anos em circunstâncias misteriosas. Ele cumpria uma pena de 19 anos de prisão por acusações que ele considerava políticas.

“Apenas o Estado russo tinha os meios, um motivo e a oportunidade de utilizar essa toxina letal para atacar Navalny durante sua detenção em uma colônia penal russa na Sibéria, e o consideramos responsável por sua morte”, assinou Londres.

Conspiração

Os cinco países europeus afirmam ter denunciado a Rússia à Organização para a Proibição das Armas Químicas (OPAQ). A Rússia nunca reconheceu que Navalny tenha sido alvo de assassinato nem os resultados das análises de laboratórios europeus que identificaram o veneno.

Moscou atribui o caso a uma conspiração ocidental.

Após a morte de Navalny, as autoridades russas se recusaram durante dias a entregar o corpo à família, o que despertou suspeitas de seus apoiadores, que acusaram os governantes de tê-lo “matado” e de tentar encobrir o assassinato. Em setembro do ano passado, a viúva do ativista, Yulia Navalnaya, anunciou que a análise laboratorial de amostras biológicas apontava para o envenenamento.

“Há dois anos (...) subi ao palco e disse: ‘Vladimir Putin matou meu marido’ (...) Hoje (ontem), essas palavras se tornaram um fato demonstrado cientificamente”, declarou Yulia, num evento à margem da Conferência de Segurança de Munique.

O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, ressaltou que Navalny demonstrou “uma enorme coragem diante da tirania”. “Sua

Kirill Kudryavtsev/AFP



Ativista é cercado por jornalistas ao voltar para Moscou em 2021

determinação para trazer à tona a verdade deixou um legado duradouro, e hoje meus pensamentos estão com sua família”, disse o premiê nas redes sociais da Conferência de Segurança de Munique.

O chefe da diplomacia francesa, Jean-Noel Barrot, também se manifestou sobre o tema na rede social X. “(Putin) Está disposto a usar armas biológicas contra o próprio povo para se manter no poder”, declarou.

o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, que prometeu contribuir para uma arquitetura de segurança comum para o continente. “A Europa é um gigante adormecido”, disse, em seu discurso. “Temos enorme capacidade de defesa, mas com planos industriais fragmentados, duplicação em algumas áreas e deficiências em outras. Tudo isso é altamente ineficiente.”

Os membros europeus da Organização do Atlântico Norte (Otan), com exceção da Espanha, concordaram na cúpula de junho em aumentar seus gastos militares com defesa para 5% do PIB nacional. A medida atende a exigência de Trump de que o Velho Continente fizesse mais para se proteger.

Ucrânia

Em seu discurso, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, reiterou o apelo por uma entrega mais rápida de mísseis de defesa aérea. “A maioria dos ataques tem como alvo nossas usinas de energia e outras infraestruturas críticas. Não há uma única usina de energia na Ucrânia que não tenha sido danificada por ataques russos”, disse o presidente, que acusou seu homólogo, Vladimir Putin, de ser um “escravo da guerra” que não leva uma “vida normal”.

Na sexta-feira, a Rússia anunciou uma nova rodada de negociações em 17 e 18 de fevereiro em Genebra com representantes da Ucrânia e dos Estados Unidos para tentar encontrar uma saída para o conflito, que, em breve, completará quatro anos. Rubio, que se reuniu com Zelensky à margem da Conferência, disse que não sabe se os russos “vão levar a sério a ideia de acabar com a guerra”.

Em Munique, também discursou, por videoconferência, a líder opositora venezuelana e prêmio Nobel da Paz, María Corina Machado, que destacou as consequências regionais da operação norte-americana contra Maduro. “Uma vez que desmantelarmos o regime criminal na Venezuela, Cuba será a próxima, a Nicarágua virá em seguida. Pela primeira vez na história, teremos as Américas livres de comunismo e ditadura”, disse em inglês. Cuba e Nicarágua são aliadas do chavismo governante na Venezuela, atualmente liderado por Delcy Rodríguez, que foi vice-presidente de Maduro.

No comunicado divulgado ontem, os cinco países denunciantes dizem estar “preocupados com o fato de que a Rússia não destruiu todas as suas armas químicas” e acusam Moscou de violar a Convenção sobre Armas Químicas.

Precedente

Em 2020, Navalny foi envenenado com o agente nervoso Novichok, enquanto fazia campanha na Sibéria. Seus apoiadores responsabilizaram o Kremlin, que sempre negou envolvimento no episódio.

Na ocasião, ele foi transferido em coma para a Alemanha, onde passou meses em tratamento. Recuperado, decidiu retornar à Rússia e foi preso por “extremismo”.

No ano passado, uma investigação do Reino Unido concluiu que Putin era “moralmente responsável” pela morte de uma britânica, vítima colateral em um ataque com agente nervoso em 2018, no qual supostos espões russos tiveram como alvo o ex-agente russo Sergei Skripal.